

HOMENAGEM

Discurso em homenagem ao Prof. José Henrique Santos por ocasião do lançamento do livro¹ que celebra sua atividade intelectual e agradece seu trabalho em prol do Departamento de Filosofia, da Universidade Federal de Minas Gerais e da cultura filosófica brasileira

*Prof. Leonardo Alves Vieira
Chefe do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Minas Gerais*

Em nome do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, quero agradecer a presença de todos aqui reunidos² para prestar esta justa e afetuosa homenagem ao nosso ilustre colega de caminhada filosófica e existencial, Prof. José Henrique Santos.

Esta homenagem nasce do profundo reconhecimento, por parte daqueles que tiveram a oportunidade e a satisfação de conviver com o nosso homenageado, do seu talento administrativo, da fecundidade de sua reflexão filosófica e de sua imensa generosidade.

Esta homenagem é também resultado do adensamento e da importância da atividade filosófica tanto no interior de nossa Universidade quanto no contexto nacional — adensamento e importância que tiveram em José Henrique Santos um dos seus fautores.

Como encarregado de expressar sentimentos e pensamentos da comunidade de professoras, professores, alunos, alunas e funcionárias do Departamento

1 Domingues, I., Margutti, P. e Duarte, Rodrigo (Orgs.). *Ética, Política e Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

2 Este discurso foi proferido no dia seis de maio de 2003, no conservatório da UFMG, na presença da magnífica reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, Profa. Ana Lúcia Almeida Gazzola, do Prof. José Henrique Santos, dos digníssimos diretores da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Prof. João Pinto Furtado, e da Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Wander Melo Miranda, de autoridades municipais, estaduais e federais, de professoras, professores e funcionárias do Departamento de Filosofia, de (ex-)alunos e (ex-)alunas, de familiares e de amigos e amigas do Prof. José Henrique Santos.

mento de Filosofia nesta ocasião tão especial e significativa de sua existência, não posso deixar de abordar, mesmo que de forma sucinta, a enorme relevância obtida pela atividade do Prof. José Henrique Santos no transcurso da história da Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais. Acredito não estar errado ao apresentar esta história dividida em três grandes etapas e, com isso, poder também abranger os grandes desafios enfrentados.

Estas etapas as denomino: etapa de fundação, etapa de consolidação e etapa de expansão.

A primeira etapa, iniciada em 1939 na então Faculdade de Filosofia (FAFI), é representada pela saudosa e sempre lembrada figura do Prof. Arthur Versiani Velloso. Tomando de empréstimo uma imagem oriunda de Kant, a qual, por sua vez, não deixa de expressar uma alusão à obra do demiurgo platônico, o mestre Velloso pode ser considerado como aquele artífice que plasma e esculpe a realidade empírica de acordo com um ideal.³ Arrostando inúmeras dificuldades, o pai-fundador estabelece as bases para a efetivação de um lugar institucional-universitário para a reflexão filosófica nas Minas Gerais.

Podemos nós, hoje, que já desfrutamos de poderosos meios de comunicação e interação, imaginar os enormes obstáculos para uma reflexão filosófica de qualidade já no apagar das luzes da década de trinta do século passado no Brasil e, especialmente, em Belo Horizonte. Além das dificuldades materiais, não devemos negligenciar um outro não menos importante problema: a estreiteza de horizontes cognitivos e principalmente éticos na nossa Belo Horizonte de então.

Para se ter uma idéia aproximada destes horizontes de então, gostaria de lembrar algumas passagens de um texto do Prof. Velloso, publicado em “O Diário”, em 21 de abril de 1959, por ocasião do vigésimo aniversário da FAFI. Este texto merece a nossa atenção não somente em razão daquilo que é nele dito, como também pelo fato de que neste mesmo ano de 1959 José Henrique Santos obtinha seu bacharelado na FAFI.

Diz o mestre Velloso:

“Os rapazes e moças que nasceram naquele ano de 1939, em 1946 devem ter entrado para o grupo escolar, e em 1950 para o ginásio e o colégio, dali saindo em 1956 para entrar em nossa Faculdade de Filosofia por onde se bacharelarão, com vinte anos, em dezembro deste 1959. Mas isso na melhor das hipóteses e, se tudo lhes correu bem. É mister que agora sofram um ano de Didática e impõe-se que os enviemos à Europa, ou às Américas, a qual-

3 Kant. *Kritik der reinen Vernunft* (Ed. W. Weischedel). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, B 576.

quer país estrangeiro enfim, como São Paulo, por exemplo, para que corrijam em quatro anos de bolsas de estudo os quinze de erro, atraso, desacerto e almorreimas intelectuais em que houveram até ali. Este sim, vai ser um curso difícil e duro. Deverão em primeiro lugar aprender que o mundo, o vasto mundo, não se resume na Avenida Afonso Pena ou na Praça 7. Versando dia e noite uma língua que não é a sua, ou melhor ainda, um idioma outro mais estranho que o seu, que mal entendem, conhecerão, a mais, o que é de fato uma Universidade, coisa que nunca viram: enormes escolas com milhares de estudantes, onde centenas de sujeitos, que vivem para estudar e pesquisar, em bibliotecas e laboratórios inacreditáveis, realmente comparecem, isto é, dão suas aulas, lecionam, ensinam, insistem, marcam trabalho, e os corrigem, havendo na mais alta conta, na mais alta dignidade, o cultivo das ciências, das letras e das artes.

Maravilha verdadeira!

(...)

Aprenderão, e com que choque! com que mágua! a vida que realmente deveria ter sido a sua, e que não viveram: a vida realmente universitária. E seu desespero, sua revolta, serão imensos, pois perceberão que tudo aquilo pudera ter sido feito em seu país e a seu favor. Que jamais teria sido, como assoalham os “filistinos” apenas uma (...) questão de pecúnia. Que afinal, mais importa em uma instituição, como em tudo aliás, o espírito, a alma, e não o corpo, a matéria.

De nada valendo rios de dinheiro, leis, regulamentos, técnicas, programas, falatórios e papelórios, arquivos, pontos e sebatas, se a ela não presidir um ideal, um comum e mesmo amor às coisas intelectuais...”

Velloso ainda exorta, continuo a citar, estes “meninos, que aprenderão, nas Europas e nas Américas, a corrigir os nossos gravíssimos desacertos pedagógicos e educacionais”, a “cercarem-se “exclusivamente” de seus pares, isto é, de homens que por vocação incoercível e interna vieram ao mundo para o magistério. De homens que estudaram, estudam e estudarão para ser “professores”, ainda os incentiva a “rodearem-se de intelectuais autênticos ... que fazem da sua cátedra a sua vida, não lhes cabendo na mente outro modo de existir”.

Uma última advertência de Velloso gostaria ainda de trazer à memória, válida, creio eu, não apenas para nós do Departamento de Filosofia, mas também para toda a Universidade:

“Recusar com energia perene a improvisação, repelir com fúria os “improvisadores” e semi-filistinos, diplomados por correspondência, por osmose, por ação catalítica, através de negociatas e arranjos, é questão de vulgar moralidade. Que façam de sua escola uma espécie de “hortus conclusus”,

como aquela imortal academia de Platão, onde somente homens da mesma raça mental recebiam acolhimento. Certificado de estudos não é enfeite nem arrebique, é uma consagração, uma investidura ...”.

Ajudando a completar o quadro desta primeira etapa da história do curso de Filosofia, trago à nossa recordação uma observação de um outro ilustre nome desta Universidade, o Prof. Francisco Iglésias, referindo-se a um aspecto da Belo Horizonte da década de quarenta do século terminado: na década de quarenta do século XX um jovem em Belo Horizonte tinha basicamente diante de si dois projetos de vida: ser católico ou ser comunista.

Em linhas bastante gerais, este era mais ou menos o quadro em que transcorria o então curso de filosofia na FAFI.

Com efeito, se o pai-fundador teve de se defrontar com um ethos bastante acanhado e com grandes dificuldades de ordem material, e apesar de tudo isto, empreendeu aquele movimento que iniciou a atividade filosófica acadêmica entre nós, a tarefa do Prof. José Henrique, aluno do mestre Velloso, encarava novos desafios.

Como aluno atento do mestre Velloso, José Henrique Santos foi um solo fecundo em que germinou com admirável profusão e abundância a semente plantada pelo mestre. Em sintonia com os conselhos do mentor intelectual, ele realizou sua jornada de formação em país estrangeiro, na então Alemanha ocidental, mais especificamente na bela Freiburg i. Breisgau, porta de entrada para a floresta negra e em cuja universidade lecionaram dois grandes nomes da filosofia do século XX: Husserl e Heidegger.

Já impulsionado em terras mineiras por aquilo que Velloso denominou “amor às coisas intelectuais” e também tomado pela sua vocação de ensinar e pesquisar, entendida como “modo de existir”, um verdadeiro e autêntico ser-aí-no-mundo, o sucessor de Velloso na condução do nosso curso de Filosofia soube aprofundar a seriedade e dignidade da vida intelectual em solo germânico. Renunciando a todo tipo de improviso, José Henrique continua a assimilar os pressupostos indispensáveis que farão dele o consolidador da obra iniciada por seu mestre.

O Prof. José Henrique Santos é referência entre seus pares pela sua ampla erudição e seus estudos, entre outros, aqueles sobre fenomenologia e idealismo alemão, principalmente Kant e Hegel, angariando respeito nacional e mesmo internacional em virtude da qualidade de sua produção filosófica. Sua tese de doutorado, intitulada *Do empirismo à Fenomenologia: a crítica antipsicologista de Husserl e a idéia da lógica pura*, foi publicada em Portugal.

Com José Henrique, começa uma nova etapa da história da Filosofia em nossa Universidade, a etapa da consolidação. O seu labor administrativo -

ocupando os cargos de chefe de Departamento, vice-reitor e reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, além de membro do Comitê Assessor de Filosofia e História do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia - e, principalmente, seu desempenho acadêmico firmaram o curso de Filosofia como local qualificado de discussão de questões éticas, políticas, culturais, gnosiológicas, ontológicas, estéticas e lógicas tanto dentro da nossa Universidade quanto fora dela, em outros espaços da esfera pública.

A década de 60 do século XX — e a segunda metade da década de sessenta parece justamente indicar o início da fase de consolidação — trouxe várias mudanças: a criação da estrutura departamental, o desdobramento da Faculdade de Filosofia (FAFI) em Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Instituto de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Exatas e seus respectivos ciclos básicos, Instituto de Geociências e faculdades de Letras e Educação. Por sua vez, a Universidade de Minas Gerais, fundada em 1927 e à qual a FAFI foi incorporada em 1948, foi federalizada em 1949. Mas, somente em 1965 recebeu o seu nome atual: Universidade Federal de Minas Gerais.

Como bem retrata o artigo do Prof. Fenati, ao abordar a posição da Filosofia no contexto da Universidade Federal de Minas Gerais a partir dos anos setenta do século XX⁴, José Henrique foi aquele pensador que soube orientar uma discussão com o positivismo interpretado neste período como o balizador dos critérios da cientificidade, recusando, portanto, uma clausura filosófica ou recolhimento da Filosofia em si mesma, bem como também repelindo uma atitude temerosa da filosofia diante da autocompreensão positivista que as ciências de então faziam de si mesmas.

Se o ambiente interno à Universidade era bastante inóspito, não menos desafiador era o ambiente externo à Universidade. O golpe militar de 1964 e sua cristalização em medonha ditadura formavam uma atmosfera pouco favorável ao exercício da filosofia, irremediavelmente ligada ao pressuposto da liberdade de pensar e da liberdade de publicamente expressá-lo. Além disto, os acontecimentos oriundos de 1968 e sua exasperada exigência de iniciar um novo mundo, juntamente com o lento, mas inevitável despertar de Belo Horizonte de seu sono provinciano traziam novas questões para os integrantes do agora Departamento de Filosofia.

Foi diante deste contexto cada vez mais complexo que o Departamento consegue sua progressiva consolidação, capitaneado pelo trabalho exponencial do Prof. José Henrique Santos.

4 Domingues, I., Margutti, P. e Duarte, Rodrigo (Orgs.). *Ética, política e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 363-368.

A realização das metas propostas pelo curso de Filosofia, a partir do confronto de sua própria dinâmica interna com as questões oriundas do seu contexto de atuação, obriga-o a defrontar-se com novos desafios. Aqui penetramos na terceira etapa de nossa história, a etapa de expansão.

Penso que esta terceira etapa tem como marco inicial a criação do doutorado, início da década de noventa do século XX — doutorado que complementa e aperfeiçoa a pós-graduação em mestrado até então existente e iniciada nos anos setenta, dentro da fase que denominei etapa da consolidação. Assentado sobre a sólida base construída na fase de consolidação, apesar das enormes dificuldades e inevitáveis percalços, o nosso doutorado vai progressivamente se afirmando no cenário nacional, chegando hoje a estar entre os quatro melhores programas de pós-graduação no país na área da Filosofia.

Hoje em dia, parece-me, estamos diante de desafios diferentes daqueles vivenciados nas fases de fundação e consolidação. O acanhado ambiente provinciano belo-horizontino da fase de fundação passou; a afirmação gradual e progressiva do curso de Filosofia, enquanto foro qualificado de debate filosófico, no período da fase de consolidação, também já passou. O Departamento de Filosofia tem agora a grande tarefa de atender às solicitações que lhe são feitas provenientes de várias áreas. Atualmente, ele é solicitado, por um lado, pelo ensino médio, por outros cursos dentro da própria Universidade requerendo disciplinas filosóficas em seus currícula e pelo próprio vestibular. Por outro lado, o nosso programa de pós-graduação tem conseguido atrair estudantes de outros estados da Federação, bem como instaurar contatos de intercâmbio, seja provisórios, seja de forma mais duradoura, com centros filosóficos na Europa e nas Américas do Norte e Latina, levando, com isto, o Departamento a participar das questões filosóficas discutidas no âmbito internacional. A consolidação obtida na fase anterior permite agora aos nossos pesquisadores passar da condição de comentadores de textos filosóficos para a de proponentes de alternativas para as questões que nos afligem.

A expansão que caracteriza esta terceira fase diz, pois, respeito ao atendimento das expectativas relativas à filosofia dentro da Universidade e do ensino médio, bem como à nossa inserção no foro nacional e internacional de discussão filosófica. Em resumo, a história do curso de Filosofia apresenta o movimento de um círculo em contínua expansão: do âmbito da antiga FAFI, hoje FAFICH, da antiga Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG, do Estado de Minas Gerais, em direção ao Brasil e, finalmente, à esfera internacional.

Nós, continuadores deste legado, estamos cientes da responsabilidade que temos sobre nossos ombros. Ao mesmo tempo, avançamos confiantes, já que temos exemplos em que podemos nos mirar para levar adiante aquilo

que foi semeado nos anos trinta do século XX em Belo Horizonte. Sem sombra de dúvida, a vida filosófica do Prof. José Henrique Santos — vida filosófica tomada aqui no sentido amplo, abrangendo tanto a vida teórica quanto a vida prática, o “modo de existir”, como dizia Velloso — nos servirá de orientação, como se ela fosse uma das estrelas daquele céu estrelado do qual nos falava Kant.

Kant, aliás, parece ser o filósofo que poderia ser qualificado como aquele fio de Ariadne que, de alguma forma, unifica as três etapas de nossa trajetória. Quem sabe se em virtude das contingências da vida ou, ainda, até mesmo mediante a astúcia da razão, mas fato é que o busto de Kant está ali na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas situado em um aprazível jardim. Os dizeres abaixo dele, retirados do capítulo conclusivo da *Crítica da razão prática*, afirmam: “Duas coisas encham o ânimo de admiração e veneração sempre nova e crescente, quanto mais freqüente e persistentemente a reflexão ocupa-se com elas: *o céu estrelado acima de mim e a lei moral em mim*”⁵. Esta citação consegue traduzir, de forma bastante sintética — esta genialidade típica de Kant - séculos e séculos de pesquisa filosófica: a investigação do mundo moral e do mundo natural, bem como a admiração que nos impulsiona a filosofar.

Não sei se é o sentimento de todos ao passarem pelo busto de Kant. Pois, antes de ser um simples busto com seus dizeres, ele parece-me ser, antes de mais nada, uma esfinge, cuja incessante interpelação me inquieta e perturba: qual é a racionalidade do mundo moral? Qual é a racionalidade do mundo da natureza?

Trago ainda à nossa recordação aquelas famosas perguntas formuladas pelo mestre de Königsberg, que, em sua forma lapidar, deixam transparecer não somente o aspecto de esfinge naquele busto de Kant, mas também os interesses perenes da Filosofia:

- “O que posso conhecer?
- O que devo fazer?
- O que me é permitido esperar?
- O que é o ser humano?”⁶

Como não sou vidente, não sei dizer por quanto tempo esta esfinge ainda estará de pé naquele jardim ou ainda se o pensamento de Kant continuará sendo objeto de estudo em nosso Departamento ou se será esquecido como tantos outros nesta já longa história da filosofia ocidental. Penso, no entanto,

5 Kant. *Kritik der praktischen Vernunft* (Ed. W. Weischedel). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, A 288.

6 Kant, I. *Logik*. In: Kant, I. *Kants Werke* (Akademie-Textausgabe). Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1968, Bd. IX, p. 25.

que é, antes, no confronto com estas questões que o legado de Kant permanecerá, fazendo dele e, conseqüentemente de suas questões, uma espécie de nosso patrono filosófico - questões estas que, obviamente, receberão outras respostas diferentes daquelas de Kant, como elas já obtiveram outras respostas antes de Kant e também ao longo deste período de tempo que nos separa de sua morte em 1804 até os dias de hoje.

Pessoalmente, não vejo outro futuro para a filosofia e também para o Departamento que não seja o lidar com estas questões. As solicitações feitas ao Departamento e acima relatadas têm como base a expectativa de que saibamos nos posicionar diante destas questões tão difíceis e, ao mesmo tempo, tão cruciais.

Ao completar seu sexagésimo quarto ano de existência, a Filosofia na UFMG pode lançar um olhar retrospectivo sobre sua trajetória existencial, como se fosse aquele pássaro de Minerva que levanta vôo ao fim do dia, após o término de mais uma jornada de trabalho⁷. Ao concluirmos, por assim dizer, este dia filosófico de sessenta e quatro anos, não podemos deixar de reconhecer o trabalho de mediação levado a cabo pelo Prof. José Henrique Santos, interligando as etapas da fundação e da expansão.

O Prof. José Henrique Santos teve pleno êxito em concretizar as esperanças do fundador Velloso, que conclamava aos formandos de 1959 a agir como aqueles mestres que fazem da sua cátedra a sua vida, pois não têm outro modo de existir, já que estes que fazem da cátedra a sua vida, mediante uma vocação interna e incoercível, vieram ao mundo para o magistério.

Acredito que o nosso caro mestre e colega, Prof. José Henrique Santos, com sua competência e generosidade, nos ensinou, com seu exemplo de vida, a tomar o magistério como um ato de paixão a fim de encarar aquelas questões por Kant formuladas. Eis aí o laço mediador que une as três etapas da história da Filosofia em nossa Universidade.

Oxalá estejamos nós, a quem compete levar adiante esta história, à altura da magnitude intelectual e da grandeza moral de nosso mestre para que possamos nos dedicar com carinho ao belo legado que ele nos transmitiu.

7 Alusão a Hegel. *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1991, p. 28.